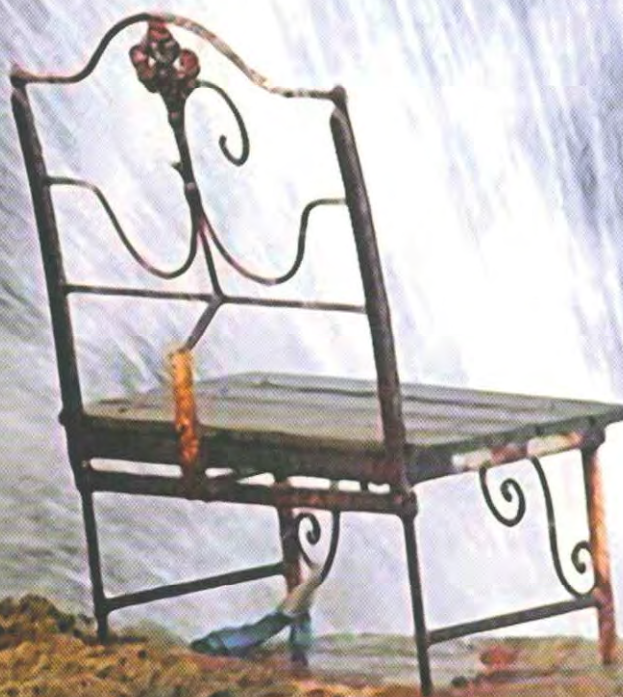


Filosofia e Arquitectura da Paisagem

Intervenções



FILOSOFIA E ARQUITECTURA DA PAISAGEM

Intervenções

Coordenação

Adriana Veríssimo Serrão



CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2013

FICHA TÉCNICA

Título : Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Intervenções

Coordenação : Adriana Veríssimo Serrão

Organização do volume : Moirika Reker

Colecção : ÆSTHETICA 4

Capa : Rui Cambraia

Seleção das fotografias : Samuel Rama e Maribel Mendes Sobreira

Arranjo Gráfico e Composição : M. Fernandes

Editor : © Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Este livro ou partes dele não poderão ser reproduzidos sob qualquer forma, mesmo electrónica, sem explícita autorização do Editor e dos Autores.

Fotografias : (I) Campos do Baixo Mondego, estrutura de comunicação entre parcelas de terreno não afectadas pelo emparcelamento, Montemor-o-Velho (Samuel Rama); (II) Curso do Rio Guadiana, Serpa (Rui Cambraia); (III) Feijó, Almada (Maribel Sobreira); (IV) Hortas Urbanas, Sobreda, Almada (Maribel Sobreira); (V) Calótipo realizado a partir de intervenções feitas nas Minas de São Domingos, Mértola (Samuel Rama).

Fotografias de paisagens portuguesas.

Apoio : **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



FILOSOFIA E ARQUITECTURA DA PAISAGEM (FCT PTDC/FIL-FIL/100565/2008)
(Projecto 3599 - "Promover a Produção Científica, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação")

Impressão e acabamento : Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelo - Amares

Depósito Legal : 360289/13

ISBN : 978-989-8553-20-1



9 789898 553201

ANTERO DE QUENTAL

A ÚLTIMA PALAVRA DA NATUREZA É ÉTICA

MAGDA COSTA CARVALHO

1. Um contexto

A forma como Antero de Quental entende a natureza é devedora de algumas influências do romantismo alemão¹. Relembramos por ora Goethe (1749-1832), cuja obra Antero conhecia profundamente desde os tempos de juventude. Em *A metamorfose das plantas*, Goethe desenvolveu uma teoria em torno da projecção de uma forma simples e originária, a partir da qual se teriam desenvolvido todas as transformações presentes nos seres naturais.

Num episódio relatado pelo próprio, Goethe ouve de Schiller (1778-1805) uma observação que haveria de lhe causar tanta estranheza quanto se adequava perfeitamente ao seu projecto. Postulando um conhecimento experimental originário da natureza, à qual se dirigia como a *Mãe grandiosa*, Goethe apresentava-a como um princípio holístico actuante entre as suas variadas partes. E conta-nos, na primeira pessoa: “[...] foi então que expus a metamorfose das plantas com vivacidade e com alguns traços de pena expressivos fiz nascer sob os seus olhos uma planta simbólica. Ele [Schiller] escutava e olhava para tudo com um grande interesse e com uma marcada faculdade de apreensão; mas quando acabei, abanou a cabeça e disse: “Isto não é nenhuma experiência, isto é uma ideia”². Este comentário, que inicialmente foi recebido por Goethe com perplexidade e despeito, confessa, acabou por ecoar como a tradução do seu objectivo de promover uma percepção intelectual da natureza.

1. Antero promove na sua obra um interessante eclectismo que tem sido alvo de diferentes estudos. Referimo-nos aqui às influências germânicas, uma vez que a sua presença é incontornável para o tópico em análise. Todavia, o pensamento anteriano é devedor de outras tradições, como seja o espiritualismo francês.

2. Goethe, *A metamorfose das plantas*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 73.

No que respeita ao pensamento de Antero de Quental, encontramos na sua obra a promoção do valor gnosiológico da experiência positiva, contudo também a natureza se exprime na forma de *uma ideia*. Para o poeta-filósofo açoriano, a natureza assume-se como um princípio dinâmico, autónomo e real, que se dá à experiência através de factos positivos, mas cuja integral compreensão depende de uma filosofia de fundo metafísico³. Salvaguardando-se embora as especificidades de cada autor, tal como em Goethe também para Antero a natureza percepçiona-se intelectualmente, o mesmo é dizer, por via de um lastro que, sendo alimentado pelos dados positivos das ciências, é de cariz e sentido metafísico.

Do romantismo alemão, Antero assume ainda o valor da palavra poética para o dizer filosófico da ideia de natureza, esculpindo-a polimorficamente entre a positividade do discurso científico, a metáfora do verbo poético e o rigor do conceito metafísico. Como veremos, a obra poética anterior compromete-se com uma determinada leitura da ideia de natureza que não virá a ser contrariada, antes desenvolvida em rigor e detalhe, nos textos filosóficos do autor.

2. Antero de Quental: que projecto?

Antero de Quental terá sido um dos nomes mais carismáticos da sua geração, dividindo os tempos de estudante entre intervenções públicas de natureza sócio-política que marcaram vários momentos da história do nosso país e um intenso e muitas vezes rebelde cultivo do espírito. Esta personalidade de carácter simultaneamente racional e emotivo, ora seguindo os ditames de uma razão crítica e inquisidora, ora ao sabor de uma imaginação prodigiosa, foi reconhecida e registada pelos amigos mais próximos⁴. Antero de Quental foi o líder indiscutível de uma geração e, nessa década de 70 do século XIX, exerceu um fascínio indelével sobre quem o conhecia, revelando-se um dos mais promissores políticos e homens de ideias do Portugal de fim de século.

O projecto existencial que assumia, ora consciente ora espontaneamente, passava pelo reconhecimento dos sinais e sintomas dos mais altos ideais políticos, sociais e filosóficos que uma Europa dita culta reclamava além-fronteiras. E se na escrita o jovem Antero dava a conhecer a fisionomia desses ideais, enquanto agitador de consciências propunha-se elevar a realidade nacional

3. Antero de Quental, *Filosofia*, Ponta Delgada: Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1991, pp. 111-112.

4. Consulte-se o volume *Anthero de Quental. In Memoriam*, edição fac-similada. Lisboa: Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, p. 56.

à concretização dos princípios de uma Modernidade que chegava a Portugal “pelos caminhos de ferro”⁵.

Nos anos da agitação coimbrã, Antero estruturou a sua vida como um instrumento de várias e nobres lutas, para cujos desfechos, nas décadas seguintes, infelizmente lhe faltou a força anímica. Como procuraremos demonstrar nesta reflexão, também no que respeita à filosofia da natureza, o poeta-filósofo deu voz a uma série de tendências latentes. Enquanto pensador, sabia escutar o pensamento da sua época e, num incansável afã, procurava atualizar-se em leituras *caóticas e vorazes*⁶ que lhe davam a ver os rumos do progresso traçado por essa Europa fora. O pensamento original que produziu só se compreende a partir desta complexa rede de referências.

Nos seus poemas, textos em prosa, bem como nos volumes da correspondência, a densidade referencial apresentada explícita ou implicitamente acenam ao intérprete como pistas para uma tentativa de reconstrução dos sentidos íntimos do pensamento anterior. Todavia, este jogo hermenêutico assume-se como a montagem de um puzzle de que não possuímos a totalidade das peças, já que Antero destruiu um considerável volume da sua produção escrita sem deixar qualquer cópia. Apesar disso, é-nos possível vislumbrar algumas das principais teses do autor e seguir os rastros das suas férteis ideias.

3. Que “natureza” nos *Sonetos*?

Responder a esta pergunta exige alguns esclarecimentos acerca da aproximação entre Poesia e Filosofia pressuposta em todo o percurso do *corpus* anterior e que, como afirmámos, reclama influências do romantismo alemão.

É bem conhecido o diagnóstico de Oliveira Martins (1845-1894) segundo o qual Antero pensa o que sente e sente o que pensa⁷. E, numa perspectiva ainda mais radical, Eduardo Lourenço (1923) considera que é na obra poética, mormente nos *Sonetos*, que Antero é realmente *filósofo*⁸. Ainda que consideremos que a posição de E. Lourenço pode levar a uma injusta menorização dos textos filosóficos de Antero, é indesmentível a necessidade de o hermeneuta cruzar os registos poético e filosófico.

5. Nunca é demais sublinhar a centralidade do artigo de Eça de Queirós, “Um Génio que era um Santo” para a compreensão da ambiência social e cultural vivida pela Geração de 70, cf. *Ibidem*, pp. 481-522.

6. Carta a W. Stork, 14 de maio de 1887, *Obras Completas de Antero de Quental, Cartas*, vol. III, Lisboa: INCM, 2009, p. 92.

7. Cf. Oliveira Martins, “Prefácio” a *Sonetos*, Lisboa: Ulmeiro, 1995, p. 16.

8. E. Lourenço, *A noite intacta. (I)recuperável Antero*, Vila do Conde: Centro de Estudos Anterianos, 2000, p. 78.

Ressalvamos apenas que, malgrado o próprio Antero ter registado uma metanarrativa em que se refere ao seu *eu poético* como natureza desligada do seu *eu filosófico*⁹, na verdade não é de uma relação heteronímica que se trata, antes de dois modos de um mesmo sujeito pensante se expressar na inter-relação constitutiva entre dizer poético e dizer filosófico. Não será possível compreendermos um registo sem o outro já que, completando-se, ideia poética e ideia filosófica têm alcances distintos. Consideramos, por isso, certa a imagem da *simbiose* que reputados anterianistas defendem¹⁰.

Por conseguinte, que natureza é a que o leitor encontra nos *Sonetos*?

Como vimos, para Antero a natureza é uma ideia, uma noção conceptualmente formulada. O carácter abstracto que lhe é próprio não é, certamente, incompatível com os recursos imagéticos do poema e é rico o património de símbolos com que Antero se refere à natureza: montanhas, flores, árvores, nevoeiro, ventos, mar. Contudo, faz sentido a questão: *será à paisagem açoriana que corresponde o simbolismo da natureza retratada nos sonetos de Antero de Quental?* Respondemos negativamente.

A questão do açorianismo – ou da *açorianidade*, para usarmos o termo que Vitorino Nemésio (1901-1978) cunhou¹¹ –, da obra poética de Antero de Quental tem colhido diferentes perspectivas. Citamos Eduardo Lourenço que, a propósito da presença da temática do mar em Antero, afirma que nenhum outro poeta português é tão universal quanto o autor açoriano, dada *a natureza ideal e intemporal da sua inspiração e o conflito que a alimenta*:

Nenhum objeto empírico, natural ou histórico, é, ao menos nos *Sonetos*, matéria determinante da sua poesia. Os Açores como qualquer outro. É como se estivesse só no Universo, ilha pura, sem sequer arquipélago¹².

9. Encontramos esta metanarrativa no espólio epistolográfico do autor, de que ressalvamos duas cartas em específico: a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de 7 de agosto de 1885; e a Jaime de Magalhães Lima, de 13 de outubro de 1886. Sobre os vários suicídios de Antero, entre eles o suicídio do poeta pelo filósofo, veja-se J. Alves, *Antero de Quental: les mortelles contradictions. Aspects comparatifs avec Charles Baudelaire et Edgar Poe*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1983.

10. José de Almeida Pavão, “Relações entre a poesia e a filosofia em Antero”, em *Congresso Anteriano Internacional – Actas*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1993, p. 509; L. Ribeiro dos Santos, *Antero de Quental, Uma Visão Moral do Mundo*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 27.

11. Termo usado pela primeira vez na conferência de 1928 “O Açoriano e os Açores” e depois divulgado no artigo “Açorianidade”, de 1932, num número da revista *Insula* comemorativo do Descobrimento dos Açores. O conceito de *açorianidade* haveria de adquirir projeção e desenvolvimentos nas décadas seguintes, sobretudo a partir de meados dos anos 70 com as lutas autonómicas de fundo político nos Açores. A seu propósito, veja-se o recente *Páginas sobre Açorianidade*, de António M. B. Machado Pires, P. Delgada: Edições Letras Lavadas, 2013.

12. E. Lourenço, *A noite intacta. (I)recuperável Antero*, p. 156.

Concordamos aqui com E. Lourenço, já que nos parece que Antero de Quental não é um autor em que a açorianidade constitua um núcleo referencial de sentido: se na sua obra aparecem elementos naturais próximos da paisagem açoriana, são sobretudo recursos imagéticos de função simbólica para pensar questões sem tempo e sem espaço, universais. Como o próprio Nemésio afirmava, Antero escapa à açorianidade *pelo olímpico portal da universalidade*¹³. Ora, acrescentamos, este é precisamente o portal de ideias filosóficas como a de natureza.

Refinamos, então, a nossa questão: que ideia filosófica de natureza poderá o leitor encontrar nos *Sonetos*?

Deparamo-nos com dois registos em que a ideia de natureza assume particular relevância na poesia de Antero: nas composições de juventude classificadas entre 1864 e 1874 (que encontram o seu expoente no soneto “Diálogo”) e nos sonetos do período de maturidade, entre 1880 e 1884 (especialmente em “Contemplação” e “Redenção”). As primeiras reclamam uma apologia da natureza perante o esquecimento que dela teve o cristianismo e dão em intuição poética as teses desenvolvidas no primeiro texto de cariz filosófico saído da pena de Antero: “*A Bíblia da Humanidade* de Michelet” (1865). Já as segundas poesias a que nos referimos aproximam-se das reflexões filosóficas de “*A Filosofia da Natureza dos Naturalistas*” (1886) e do texto “*Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*” (1890), propondo uma resolução filosófica para a aporia espírito-natureza deixada em sonetos como “Diálogo”.

No que respeita à diáde natureza-cristianismo, é por grande influência dos escritos de Jules Michelet (1798-1894) que Antero denuncia a fragilidade de uma religião que, no seu entender, se construíra em torno de um princípio de perfeição gélido que recusa o que no homem é natural (o instinto, o sentimento, a vida). A verdade humana, dirá em “*A Bíblia da Humanidade* de Michelet”, só se consegue pela articulação das Religiões do Espírito com as Religiões da Natureza: “Erguer-se para cima, sem por isso desprezar o plano de terra aonde se firmam os pés.”¹⁴

Apesar de este ser um registo de juventude, os contornos do conceito de natureza aqui presente aproximam-se das composições mais tardias. Quer em “Diálogo”, quer em “Contemplação” e “Redenção”, estamos em presença de uma caracterização do mundo natural em termos do conceito darwiniano de *struggle for life*. Estudioso dos avanços científicos do final de século – adiante retomaremos a importância dos evolucionismos biológicos no pensamento filo-

13. Cf. Urbano Bettencourt, “Antero, Açoriano. Vozes em volta”, em *Revista de História das Ideias*, 13 (1991), pp. 361-377.

14. *Filosofia*, cit., p. 21.

sófico de Antero – o poeta entende o plano natural como um conjunto de seres regidos pela fatalidade determinística da matéria.

Contudo, se os sonetos de juventude deixavam o leitor suspenso numa aporia entre a natureza e o espírito, já as composições escritas a partir da década de 80 visavam uma resolução para esse abismo. 'l'al como confessa a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em 1886, "Justamente aqueles dois sonetos (Redenção), juntos com outro (Contemplação), representam em forma de imagem e sentimentalmente uma das ideias fundamentais da compreensão das coisas, a que cheguei e em que fiquei, e que espero ainda desenvolver em prosa e com o rigor da exposição filosófica"¹⁵.

Assim, a natureza é entendida como o princípio de mudança que, em si mesma, representa um plano de imperfeição ontológica. É o reino onde as ciências biológicas descobriam o transformismo e onde filósofos como Goethe postulavam a metamorfose das formas. Perante este retrato, o ser humano ora se encontra integrado no universal devir cósmico, como em "Evolução", ora se sabe estrangeiro e degredado, como em "Homo". Une-o à natureza a mesma matéria, uma idêntica submissão às mesmas leis. Todavia, destaca-se pela *Consciência*, grafada com maiúscula inicial no soneto "Redenção".

A consciência é o domínio do pensamento, da descoberta e assunção do sentido final que toda a natureza reclama, *em choros e lamentos sem eco*. Esse sentido, a "Voz Interior" do soneto homónimo, encontra-se como luz no seio de um universo natural descrito como monstruoso e tenebroso, porque em si absurdo e sem sentido. A natureza é princípio de mudança, mas princípio transitório que se projeta idealmente para um plano espiritual de infinitude e perfeição. O ser humano é o mediador entre a imperfeição das formas e a perfeição do ideal: *conheci a Beleza que não morre / e fiquei triste*, afirmara já em "Tormento do Ideal".

A ideia de natureza presente nos *Sonetos* reclama-se, então, de dois traços importantes: é uma noção que só se justifica e ganha pleno alcance no domínio metafísico ou espiritual e nela o elemento humano (a consciência) adquire um estatuto privilegiado enquanto mediador entre a imperfeição das formas e a perfeição do ideal. Serão exactamente estes os traços da ideia de natureza que encontraremos na obra filosófica de Antero.

4. A ideia anterior de natureza: pontos prévios

Para a caracterização do conceito filosófico de natureza presente na obra de Antero de Quental, é fundamental partimos de dois pontos estruturantes:

15. *Cartas*, cit., volume III, p. 49.

o primeiro, de ordem metodológica, assenta na relação interconstitutiva entre ciência e metafísica; o segundo, de ordem conceptual, sublinha a dimensão fundamental do “absoluto” no pensamento anterior, expondo o horizonte nocional do pensamento anterior onde a ideia de “natureza” se integra.

4.1. *Ciência e metafísica: colaboradoras na obra do conhecimento*

Antero de Quental era, como vimos, um espírito irrequieto. As suas cartas dão conta de uma preocupação constante com a aquisição e troca regular de bibliografia acerca dos temas e perspectivas que, além fronteiras, vingavam no mundo do pensamento. Nesse contexto, e como filho de um século pródigo em avanços nas ciências, Antero desenvolveu uma importante atenção perante a positividade do conhecimento.

Na juventude, chegou a encantar-se com a chegada do positivismo a Portugal, ao lado de colegas geracionais como Teófilo Braga e Manuel de Arriaga. Contudo, os anos de Coimbra trouxeram-lhe um distanciamento face a essa visão antitranscendentalista e mecânica da existência. Antero vibra com os progressos científicos do final do século XIX e reconhece a exigência que o mundo fazia de Ciência¹⁶, porém, indigna-se perante os excessos do que apelidava como uma *epidemia ou quimera positivista*. Sendo um ideário simples e com um longo alcance explicativo, dadas as virtualidades presentes nas promessas do saber científico, para além de possuir um carácter revolucionário que contestava os dogmatismos metafísicos e religiosos, o positivismo aparecia a Antero como um perigo a evitar. Mais tarde, haveria de concluir que o positivismo é apenas uma fase preparatória do pensamento¹⁷, uma determinada esfera do conhecimento e não a sua versão suprema e definitiva¹⁸.

Isto é, Antero não recusa as ciências em prol de uma defesa unilateral da metafísica. Pelo contrário, considera serem ambas fundamentais no conhecimento da realidade, já que a Filosofia se deve construir a partir de uma dinâmica permanente entre os dados que a ciência fornece à especulação e os desafios que as explicações metafísicas colocam. Metaforicamente, considera que ciência e metafísica são irmãs, nascidas no mesmo dia, *cada uma com sua feição, seus predicados e sua missão bem definida*¹⁹. Assim, a Filosofia encontra nos dados positivos da ciência a matéria-prima para o seu questionamento e nas ideias substantivas da metafísica a forma por excelência para o exercício reflexivo. Partindo de pontos de vista opostos (fenomenalidade e ideias) e com estruturas distintas

16. *Filosofia*, cit., p. 61.

17. *Cartas*, cit., volume II, pp. 258-259.

18. *Filosofia*, cit., p. 107.

19. “Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX”, em *Filosofia*, cit., p. 132.

(análise de factos empíricos e interpretação de princípios racionais), ciência e metafísica encontram-se sem se confundirem, antes fecundando-se reciprocamente. Desta reciprocidade surge uma auto-regulação permanente e a Filosofia resulta numa construção sempre renovada e dinâmica.

Ciência e metafísica são, assim, colaboradoras na obra do conhecimento e uma filosofia da natureza que se pretenda *realista*, no sentido de compreender um saber total que encontre o ser na sua *real* unidade, só pode ser o resultado de um processo simultaneamente experimental e especulativo, o mesmo é dizer *positivo* e *metafísico*²⁰. É neste âmbito que Antero propunha, numa carta de 1873, como projecto superador das leituras truncadas que positivismo e metafísica alemã produziam uma “metafísica positiva”²¹. Nesta época, Antero considerava que era necessário introduzir a metafísica (de inspiração hegeliana) na filosofia da natureza, quase exclusivamente de feição positivista. Portanto, a sua proposta seria partir do plano metafísico e iluminá-lo com os dados positivos que novas ciências constantemente produziam e revelavam ao mundo na segunda metade do século XIX.

Treze anos depois, em “A Filosofia da Natureza dos Naturalistas”, Antero reformula a proposta de uma metafísica positiva. Na habitual estrutura triádica que perpassa os seus textos, acusando claras influências hegelianas, concebe uma síntese entre mecanicismo positivo e idealismo metafísico e, apresentando esses dois termos numa dinâmica de complementaridade, forja um *materialismo idealista*²². O objectivo seria agora partir da matéria positiva, cujos segredos eram revelados pelas ciências, e elevar a compreensão dos fenómenos ao enquadramento metafísico conferido pelas ideias. No final do seu último texto filosófico, as *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*, encontramos um novo esboço para esta síntese: um *realismo transcendental* que, partindo solidamente dos factos, se inspire e oriente pelas ideias, condições de possibilidade últimas de uma experiência integral (positiva e metafísica) da natureza²³.

Metafísica positiva, materialismo idealista e realismo transcendental configuram-se como propostas que revelam como a filosofia da natureza anterior requer uma noção científica sólida sobre a matéria positivamente dada, mas também uma explicação racional fundamentadora e integradora desses dados avulsos numa visão final do universo. A ciência fornece a resposta ao *como* se organizam os fenómenos, a metafísica dá um passo em direcção ao sentido e procura responder ao *porquê*. Os dados científicos permitem uma filosofia atenta aos contornos

20. *Ibid.*, p. 158.

21. *Cartas*, cit., volume I, p. 345.

22. *Filosofia*, cit., p. 113.

23. *Ibid.*, p. 168.

reais da natureza. A problematização metafísica transpõe as aparentes contradições da realidade (matéria/espírito; determinismo/liberdade; evolução/finalidade) para uma perspectiva integradora acerca do valor e do significado último dos fenómenos, sossegando a consciência humana perante a absurdidade da natureza quando destituída de sentido metafísico²⁴.

4.2. *Ser: realidade e absoluto*

O segundo aspeto a considerar na caracterização da ideia de natureza presente na obra de Antero de Quental retoma a arquitectura intelectual construtora de sínteses e assenta noutro conceito de “absoluto”.

Reportamo-nos a uma carta. Em julho de 1873, Antero escreve a Oliveira Martins, distinguindo entre uma leitura puramente metafísica, ou intelectual, do absoluto – enquanto simples categoria do entendimento – através da qual a razão entende a realidade total e completa, e uma concepção moral que entende o absoluto enquanto atividade praticada pela existência concreta do indivíduo. A primeira redonda numa pura inação contemplativa, uma espécie de estado de graça que não tem qualquer alcance em termos práticos. Orientar a existência por este ponto de vista teórico equivale a reduzi-la a uma imobilização passiva e estéril, presa ao esforço contraditório de realizar em nós uma mera categoria que não tem realidade em si. Porém, é a partir desta inação que Antero abre caminho para uma leitura ativa do absoluto, enquanto motor da ação moral individual: o que devemos, aconselha o autor, é praticar a vida como quem sabe que cada ato e momento dela é um ato e momento do absoluto. Este é um percurso gradativo cuja eficácia reside numa experiência continuada: quanto mais nos familiarizarmos com a prática do absoluto – afirma Antero –, mais a vida de cada indivíduo se unirá ao princípio espiritual supremo, concretizando o verdadeiro sentido da vida²⁵.

Em nosso entender, apesar de breve, esta referência epistolar lança o fio condutor que unifica dois momentos essenciais do *corpus* textual anteriano: a perspectiva intelectual da noção de “absoluto”, que surge tematizada no escrito fragmentário *Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou filosofia da liberdade*, de publicação póstuma e que se entende ter sido composto por volta de 1875; e a leitura moral do absoluto, que encontra pleno desenvolvimento no final das *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX* (1890).

24. Ideia em que somos devedores de Joel Serrão, que detecta uma preocupação comum entre os primeiros escritos filosóficos de Antero e a síntese final das *Tendências: o absurdo da vida humana quando destituída de uma adequada justificação metafísica*, “Devir e ser na filosofia anteriana”, em *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa/Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 27 (1990), p. 192.

25. *Cartas*, cit., volume I, pp. 315-319.

O *Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou filosofia da liberdade* foi conservado inédito por Antero até à sua morte, ocasião em que foi encontrado num conjunto de notas soltas. É um facto digno de realce que o autor tenha preservado estas notas, quando destruía com frequência textos não publicados. Provavelmente, será um indício de que consideraria fundamentais os seus conteúdos²⁶.

Num registo de grande densidade especulativa, e com uma linguagem conceptualmente depurada, o texto desenvolve-se em torno da *antinomia fundamental e primordial*: a dicotomia a que chega a consciência humana quando procura responder à questão acerca da ideia primeira, a mais simples e elementar, “o que é o ser?” A experiência não é capaz de abstrair e responde: são entes particulares e concretos, *fenómenos reais* limitados e individualizados. Já a razão entende o Ser como o que subsiste por si, a essência imutável e inalterável que suporta a fenomenalidade e, por sua vez, responde: o *absoluto*.

A antinomia *realidade-absoluto* alimenta-se não tanto do confronto entre as duas respostas, mas das posteriores considerações que a inteligência abstracta, munida com os critérios formais da racionalidade, tece acerca do ser tal como o perspectiva a experiência. Assim, a razão objecta à experiência concreta: “como pode dizer-se de um tal mundo, em que tudo começa e acaba, em que nada tem em si a sua causa e em que nada permanece, como pode dizer-se de um tal mundo *que é?*”²⁷ E no entanto, continua Antero, essa dúvida não é suficientemente fracturante para destruir na consciência o “sentimento inato da realidade” e “a convicção íntima de que a realidade existe”.

A antinomia permanece, afirma Antero, gnosiologicamente operativa, marcando os limites extremos do conhecimento humano. Sendo o enigma primitivo com que a consciência se depara, a solução do autor passa por aceitá-lo como o primeiro dado da razão. Essa antinomia pode não retratar o que o ser é em si mesmo, mas como a razão nunca a poderá dissolver, a Filosofia deve aceitá-la como a base do seu edifício especulativo e partir das questões: *o que é o Absoluto? O que é a Realidade? Em que relação estão, como se comportam um para com o outro esses dois elementos do Ser?*

5. Que Filosofia da Natureza?

Explicitado o ponto de vista metodológico das relações entre ciência e metafísica, bem como o ponto de partida conceptual do pensamento anteriorano na dialéctica operativa entre absoluto e realidade, estamos agora em condições de

26. Cf. José Marinho, *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, Porto: Lello & Irmão, 1976, p. 46.

27. *Filosofia*, cit., p. 81.

concluir a nossa reflexão, perguntando: que filosofia da natureza nos propõe Antero de Quental na sua obra?

A noção anterioriana de “natureza” assenta na dialéctica entre razão e experiência. Atento aos progressos que ciências positivas como a geologia, a biologia, a paleontologia e até a antropologia apresentavam no final do século XIX, Antero considerava que uma autêntica filosofia da natureza não poderia fugir ao evolucionismo. Todavia, não se poderia ancorar num retrato naturalista meramente exterior ou biológico do movimento natural, um registo que não procurasse a raiz última (a explicação da causa ou actividade interior) desse mesmo movimento. Nesse contexto, encontramos nos textos do autor a apologia de um evolucionismo positivo-metafísico que, partindo dos factos, os ilumina com ideias.

O evolucionismo anterioriano assume os dados positivos das ciências, repensando-os mediante conceitos metafísicos como *matéria* e *finalidade*. Em “A Filosofia da Natureza dos Naturalistas”, Antero refere-se a esses conceitos como pedras mestras ou angulares indispensáveis a qualquer construção filosófica na esfera da natureza²⁸. Percebemos a centralidade das duas noções se sublinharmos que o evolucionismo de que nos fala Antero parte dos dados positivos da *matéria*, encontrando determinismo mas também espontaneidade inconsciente (para Antero, não há ser puramente passivo e determinado), e tem como ponto culminante o ideal ou tipo de perfeição: a liberdade moral que se afirma como a *finalidade* última do Universo. A realidade de que nos dá conta a experiência consiste num princípio em expansão ilimitada e infinita, inesgotável virtualidade, o que significa que a natureza aspira a uma finalidade metafísica ou espiritual. Antero esclarece que não se refere a uma finalidade concebida de modo antropomórfico (como um projecto consciente em realização), mas metafísica (um ponto focal de todo o desenvolvimento). Trata-se da explicação do movimento enquanto ideia integradora que dá sentido à evolução dos seres: sem ela, haverá provas positivas incontestáveis de transformismo biológico, considera Antero, porém faltará o sentido íntimo que garantirá a relação entre estádios anteriores morfológicos e estádios posteriores, ou seja, um fundamento para a evolução.

Deste modo, a filosofia da natureza anterioriana compreende o mecanismo exterior dos seres, mas também a razão de ser íntima e imanente dos seus movimentos, o que significa que dá sentido e se resolve numa filosofia do espírito. Será no terreno da consciência humana que essa passagem decorrerá, o que para o autor significa superar os naturalismos truncados anteriores (quer os de exclusiva feição positivista, quer metafísica) e encontrar “a explicação última e

28. *Ibid.*, pp. 100-105.

verdadeira de tudo, não só do homem moral mas de toda a natureza, ainda nos seus momentos físicos elementares”²⁹.

A concepção de realidade que agora se elabora é capaz de dar conta de um princípio de unidade subjacente à diversidade fenoménica, princípio que se desenvolve desde as forças elementares mecânicas até à virtude moral na consciência do homem justo. Esta é uma perspectiva filosófica completa, ou integral, que não só dá conta dos factos positivos mais simples, como alberga o seu eixo mais importante: a consciência.

Como vimos, estamos perante uma concepção teleológica que defende a orientação da natureza para um fim último, inconsciente na espontaneidade dos seres não-humanos e tornado voluntário apenas na consciência e intencionalidade do homem justo, virtuoso, santo. A finalidade de cariz espiritual ultrapassa a consciência de si de tom hegeliano, sendo no plano moral que adquire pleno significado. Antero não se refere à consciência em termos meramente ontológicos ou gnoseológicos, mas éticos. O seu pensamento engloba a instância moral, não do ponto de vista de um reducionismo que a entenda no âmbito estrito da evolução biológica, mas através de uma noção de natureza que compreende o espírito.

Por isso, Antero recusa o naturalismo, entendido como redução da realidade à simples natureza mecânica e material. Ficasse a Filosofia refém dessa concepção e o universo apareceria como absurdo monstruoso, relegando a consciência para mera ilusão sem substancialidade. Pelo contrário, quando a inteligência integra o ser humano na realidade natural que o envolve, reconhecendo na consciência e no sentimento moral dimensões factuais verdadeiras, reconhece igualmente que é esse o princípio oculto da natureza e que o dinamismo do universo tem exactamente o mesmo propósito que o da consciência: quer a restante natureza, de modo obscuro porque inconsciente, quer o homem, com *um pouco mais de luz e consciência*, caminham para o mesmo fim³⁰.

Este dinamismo íntimo que Antero reclama para a natureza encontra uma adequada expressão no psiquismo: não se trata de um psiquismo que se encerre nos limites estreitos da existência espaço-temporalmente centrada do indivíduo concreto. Na linha de autores modernos como Leibniz, o nosso autor refere-se a uma atividade íntima de raiz metafísica que anima os seres concretos e é a origem dos movimentos materiais e mecânicos da natureza. Assim, esta *força* interior permite transitar da natureza para o espírito, não enquanto entidades separadas e estanques, mas como o encontro da matéria com o que já não

29. *Cartas*, cit., volume III, p. 98.

30. *Ibid.*, pp. 59-60.

é matéria, mas que toda a matéria pressupõe: o sentido íntimo, a significação profunda dos seres, o *porquê*, a finalidade³¹.

Deste modo, a consciência reconhece que o que em si é liberdade, na restante natureza era ainda espontaneidade. Mais: entrevê que a liberdade é a assunção plena da espiritualidade e que, deste modo, o verdadeiro sujeito da evolução não são os seres naturais concretos e individuais, mas o espírito interior que os anima e orienta. O que está em causa é uma mudança de perspectiva que integra a natureza numa dinâmica anterior mais abrangente: a grande marcha da evolução do princípio de ordem psíquica que constitui o ser. Consideramos que o momento da escrita anterior que melhor sintetiza esta tese é o soneto "Evolução", que não transcrevemos por uma questão da economia do texto, mas para o qual chamamos fortemente a atenção do leitor.

No contexto do evolucionismo positivo-metafísico de Antero de Quental, a evolução quebra o jugo que as ciências lhe haviam colocado, tornada então refém da matéria e dos mecanismos deterministas, e é entendida como *espiritualização permanente*³² da natureza. Vista a partir da perspectiva da consciência, a evolução do universo natural é um processo paulatino em que a actividade ou princípio espiritual se desdobra de modo gradual e sistemático.

Ao jeito habitual da sua escrita, o poeta-filósofo afirma que *a seiva da ideia* circula na natureza e que ao tocar a consciência concreta e situada dos indivíduos transmuta a vacuidade do absurdo num fim assumido:

O espírito humano sente agora palpitar nas coisas o que quer que é análogo à sua própria essência. Isolado como no vértice de pirâmide prodigiosa, sente-se todavia em comunicação com a mole imensa que o suporta. Já não é o enigma incompreensível que a si mesmo parecia quando via em tudo a negação do seu ideal: pelo contrário, ele próprio é que é agora a chave do enigma universal; só ele conhece a causa e o fim de tudo, e esse segredo sublime é a sua verdade mais íntima, e o seu mesmo ser³³.

Em termos antropológicos, encontramos continuidade e cisão entre o ser humano e a restante natureza: *continuidade* porque o justo dá voz ao espírito que já habitava inconscientemente a matéria; *cisão* porque, simultaneamente, inaugura um plano qualitativamente distinto, o da liberdade que, sendo inquiridora do sentido do ser, é, ao mesmo tempo, concretizadora do bem como a forma mais elevada da realidade.

Quando o indivíduo concreto compreende esta situação existencial e, sobretudo, a missão ética que lhe está subjacente, renuncia à individualidade que

31. *Filosofia*, cit., pp. 153-154.

32. *Cartas*, cit., volume III, p. 140

33. *Filosofia*, cit., p. 163.

antes orientava o eu limitado, aos condicionalismos espaço-temporais da sua personalidade, e torna-se instrumento do princípio metafísico universal. O bem que decorre das obras deste ser humano não fala em nome próprio nem reverte para um percurso individual de salvação: é, antes, o espírito que a si mesmo se realiza. Para que serve, então, a consciência individual? É apenas o lugar onde o processo espiritual se assume e finaliza.

Regressamos à carta a Oliveira Martins a que atrás no referimos: é pela prática, e não por uma contemplação inerte, que o absoluto entra na vida humana. Compreendemos agora o pleno alcance das palavras de Antero: o justo, homem santo ou de bem é aquele que pratica a vida sabendo que cada momento dela extrapola as suas circunstâncias individuais, sendo um momento do princípio universal e absoluto que se actualiza no mundo natural.

Se o indivíduo resumir a sua existência à individualidade com que a natureza biológica o dotou, ficará preso ao particularismo de uma perspectiva parcelar e limitada: ontologicamente, restringir-se-á aos seres individuais e a sua consciência não encontrará a essência absoluta do universo; gnoseologicamente, não será capaz de conhecer o verdadeiro sentido das coisas (a sua finalidade); eticamente, seguirá os imperativos ditados pelo estrito egoísmo da personalidade. Pelo contrário, será pela renúncia ou despojamento da personalidade que o ser humano poderá conceder à natureza uma palavra da ordem da moralidade.

O bem a que se refere Antero no desfecho das *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX* não é uma ideia abstracta ou simples categoria do entendimento, assim como não se esgota na discussão entre um sentido antropocentricamente atribuído à natureza ou a sua caracterização como um valor intrínseco. O bem de que nos fala Antero é um princípio que a ultrapassa e trespassa: é, podemos afirmar, a natureza que está no bem e não o bem na natureza. Sendo assim, é ética a última palavra da natureza, dita quando esta, pela voz da consciência humana, faz lugar ao reconhecimento e à prática da actividade espiritual que a anima.

A natureza tal como a concebe Antero só adquire pleno sentido se a entendermos enquanto convite ao sentimento moral. A “visão moral do mundo”³⁴ anteriana, assim como não se reduz a um naturalismo de matriz evolucionista, também não é uma ética do indivíduo para o indivíduo. É, antes, a finalidade do espírito para si próprio, o reconhecimento de que a natureza constitui o domínio onde a morfologia e o dinamismo dos seres se apresentam como o rasto visível de uma dinâmica evolutiva que não se esgota nos limites da materialidade.

34. Feliz expressão através da qual Leonel Ribeiro dos Santos caracteriza esta última instância do pensamento anteriano, *Antero de Quental, Uma Visão Moral do Mundo*.